

Análise da crítica aos costumes orientais na ótica do cristianismo primitivo através do apócrifo Atos de Tomé

Analysis of the criticism of oriental customs from the perspective of primitive Christianity through the apocryphal Acts of Thomas

Otávio Barduzzi Rodrigues da COSTA¹

 0000-0002-0668-4015

Resumo

Este trabalho trata da análise do livro apócrifo cujo texto integral se encontra traduzido do siríaco para o inglês na obra *The Apocryphal Acts of Thomas*, do autor Jan N. Bremmer, publicado em 2001, ainda sem tradução para o português. Evidentemente não há como tratar desse assunto sem analisar o próprio escrito apócrifo Atos de Tomé (ATh). Pretende-se, nesta breve análise, descrever as considerações de um dos grandes estudiosos sobre apócrifos, cristianismo primitivo e a obra tomasina, a saber, Jan N. Bremmer e seus convidados. Outrossim, recomenda-se a todos a leitura desta análise.

Palavras-chave: Antiguidade. Apócrifos. Religião.

Abstract

*This paperwork deals with the analysis of the book of the apocryphal book whose full text is translated from Syriac into English in *The Apocryphal Acts of Thomas*, by author Jan N. Bremmer, published in 2001 still untranslated to Portuguese. Evidently, there is no way to deal with this subject without analyzing the apocryphal writing of Acts of Thomas (ATh). The aim of this brief analysis is describe the considerations of one of the great scholars on apocrypha, primitive Christianity, the work Tomasina, namely Jan N. Bremmer and his guests. We also recommend reading it to everyone.*

Keywords: Antiquity. Apocryphal. Religion.

Introdução

Nos últimos anos, o estudo e a leitura dos evangelhos apócrifos têm crescido exponencialmente; basta ver a quantidade de artigos em revistas especializadas sobretudo em teologia e ciências da religião. O tema chama a atenção dos acadêmicos preocupados em estudar o cristianismo primitivo. Em especial, os Atos de Tomé é um dos textos mais polêmicos, mais estudados e, ao mesmo tempo, mais misteriosos, visto sua riqueza de mensagens que tem apaixonado e atraído diversos especialistas. É um dos livros que mais causa discordâncias entre os analistas.

¹ Faculdade Orígenes Lessa, Curso de Direito. R. Octavio Zani, 1-169, Jardim Rosas do Sul, 17030-680, Bauru, SP, Brasil. E-mail: <joebarduzzi@yahoo.com.br>.

Esse estudo ficou mais fácil ultimamente. Após a queda do muro de Berlim, o contato com as universidades da Europa oriental aumentou e possibilitou estudar de um modo novo o cristianismo primitivo. O acesso aos estudos clássicos da *Lorent-Eotvos University of Budapest* e aos estudos teológicos da *Karoli Gospear University* jogaram certa luz ao mundo do academicismo produzido sobre o cristianismo primitivo. Isso porque no Leste Europeu, pós-Concílio de Trento de São Pio V, no ano 1000, estava em uso no Reino da Hungria um rito próprio, o *rito de Esztergom*, cujas raízes são mais em siríaco e grego do que em latim, embora sujeitos à Cúria Romana. Assim, a aproximação dos textos era fácil aos teólogos e historiadores de Lorent-Eotvos, sobretudo sobre a vida e obra de Taciano.

O organizador do livro “Atos de Tomé”, Bremmer tinha interesse na influência dos textos originais escritos em siríaco e nos escritos de Taciano, o Assírio (escritor do cristianismo primitivo, gnóstico e um teólogo do século 2 d.C.). Os estudos dos evangelhos e dos Atos de Tomé eram comuns na literatura siríaca à qual Taciano referenciava amiúde. Existem originais grego e siríaco dos Atos de Tomé, porém Bremmer acredita que o siríaco deva ser mais antigo, chegando a afirmar que não é possível ler o texto grego sem o texto siríaco. Antes de tratar sobre as considerações de Bremmer, falar-se-á resumidamente do que trata esse apócrifo. Recomenda-se a leitura da edição em espanhol para estudantes da obra “*Los Hechos apócrifos de los Apóstoles, volumen II*” de 2013, da Biblioteca de Autores Cristianos, dos organizadores Antonio Piñero y Gonzalo del Cerro.

Atos de Tomé são relatos das atitudes desse apóstolo. Datado do início do século 3 d.C., chegou até os dias de versões completas em siríaco e grego. Considerado apócrifo, o texto também foi classificado como gnóstico. Esse texto não pode ser confundido com o Evangelho de Tomé. Ambos são apócrifos; no entanto, a análise estilística (Fernandes de Santana, 2018), bem como a diferença de tempo de escrita e descoberta (Sanders, 1975), revela que são de autores diferentes, embora / sejam atribuídos ao apóstolo Tomé.

Atos de Tomé narra como os apóstolos repartiram por sorteio as diversas partes da Terra para pregar as boas novas, e a Tomé coube a Índia. A princípio ele havia, por causa da “fragilidade humana” (retratada no texto), se recusado a fazer a viagem. Após uma aparição noturna, o Senhor Jesus insistira que ele fosse, mas mantendo sua recusa, foi vendido como escravo Judas Tomé ao comerciante Abban (Abannes), que tinha sido enviado pelo rei hindu Gundaphoor (ou Gundafor) para comprar um escravo carpinteiro. Contra sua vontade², é levado cativo até a Índia e entende que deve seguir sua missão, fazendo um paralelo com a vida de José e Jonas, e tem êxito na conversão do rei.

A segunda parte desenvolve-se na corte do rei Misdai e tem como objetivo a conversão e a pregação sobre a moderação de costumes. No entender de Tomé, a corte hindu era ostensiva em luxos e perda em pecados de luxúria. Há um evidente choque cultural, uma vez que a sexualidade hindu, privada da moralidade judaico-cristã, se desenvolve com mais liberdade (Pathak, 2019). O costume judaico moralizante de Tomé, mais para o luxo que para o sexo, nesse livro, traz carregado em si o recato meso-oriental atípico do oriente hindu.

Aqui se desenvolve o *kerigma* – o conteúdo mais importante de uma mensagem de teor cristão do livro –, visto que, no final, todos da corte se convertem, até mesmo o rei Misdai depois da morte do apóstolo. A conversão de um povo pagão através do martírio do apóstolo e de seu exemplo é a grande mensagem do livro.

O livro narra uma mescla de milagres exuberantes, fatos fantásticos realizados por Tomé, milagres da natureza e histórias de demônios, de acordo com a narrativa da antiguidade. Alguns exemplos de histórias narradas no livro:

² Não tem como não pensar aqui em outros relatos de heróis bíblicos, como o profeta Jonas, que recebera uma missão de Deus e, tendo se recusado a ir, foi levado contra sua vontade; ou sobre José do Egito, que foi vendido como escravo e prevaleceu em sua história.

1. Ressurreição de um homem picado por uma serpente;
2. Um jumento falante;
3. Exorcismo de uma mulher;
4. Ressurreição de uma mulher assassinada por seu amasio;
5. Essa mesma mulher tem uma visão dela no inferno – em siríaco *proper.*; ܣܘܪܥܘܬܐ
6. Siphor, capitão real, pede para Tomé exorcizar sua esposa e filha;
7. Mulas selvagens guiam Tomé até a família do capitão.

Esses e outros elementos fantásticos, além de fragmentos litúrgicos, pregações do apóstolo, orações e hinos, fazem parte desse livro. O autor serve-se de temas da literatura novelesca antiga e de motivos bíblicos para fazer uma descrição simbólica da redenção. Um exemplo disso está em dois hinos que compõem o livro: da Noiva (1º Ato) e da Pérola (9º Ato).

Estrutura do livro

James Robinson, na sua obra *“The Apocryphal New Testament: The Acts of Thomas”* de 1924, sugeriu a seguinte estrutura:

1. Quando Tomé foi levado à Índia com Abbanes (mercador);
2. Estadia sob o rei Gundaphorus;
3. Sobre o serviçal;
4. Sobre o potro;
5. Sobre o demônio que tomou o corpo de uma mulher;
6. Sobre o jovem que assassinou uma mulher;
7. Sobre o capitão (Siphor);
8. Sobre os jumentos (mulas) selvagens;
9. Sobre a esposa de Charisius (Mygdonia);
10. Onde Mygdonia é batizada;
11. Sobre a esposa de Misdaeus (Terthia);
12. Sobre Luzanes, o filho de Misdaeus;
13. Onde Luzanes foi batizado com os demais;
14. O martírio de Tomé.

Na sua estadia sob o rei Gundafor, Tomé, tendo sido vendido por Jesus como um escravo carpinteiro para construir um palácio, recebe dinheiro real e o distribui entre os pobres. Ao ser contraditado pelo rei sobre a construção do castelo, o apóstolo afirma que já construiu uma morada para ele. É ameaçado de morte pelo rei, e quem salva o apóstolo é o irmão do rei, que, após morrer e ressuscitar, afirma que de fato havia um palácio à sua espera – no caso, o palácio celestial. Bremmer (2001) e outros interpretam que esse comparativo é a crença firme do cristianismo primitivo em um paraíso como uma morada, assim como é descrito no Evangelho de João 14:2.

Bremmer dá um aviso importante ao neófito: diz que o texto tem que ser estudado segundo sua própria ética. É aceitável para a maioria dos estudiosos que os Atos de Tomé seja um produto legítimo do

cristianismo oriental. Para compreender esse escrito há de se fazer uma análise histórica – antropológica dessa época e lugar. Bremmer (2001) não acredita que Tomé esteve na Índia. Ele sugere que o autor escolheu deliberadamente um país distante que teria cortes reais, pois diz que o sistema de nobreza da Índia era bem diferente do que está descrito no livro. Muito do relatado está mais de acordo com o relato de mercadores viajantes sobre o que se acreditava ser a Índia do que com a realidade histórica da época.

Há uma influência gnóstica: o uso do termo “gêmeo” ou “dídimo”, como Tomé é reconhecido até na narrativa canônica. No caso, a pergunta histórica é: gêmeo de quem? Tomé se declara gêmeo de Jesus. Não de sangue. Contudo, a narrativa deixa implícito, segundo Bremmer (2001), que aquele que for santo – ou seja, deixar o mundo da carne –, pode-se tornar igual a Jesus.

Sellew *apud* Bremmer (2001, p. 14), fala que a tradição de Tomé é uma das que mais têm dividido os especialistas. A obra apócrifa tomasina é constituída do “evangelho de Tomé” de tradição gnóstica e do “livro de Tomé, o adversário”, que é um pouco gnóstico e tem um pouco da tradição do Qoélet de combate à sabedoria humana “grega”. Há uma verdadeira cristandade tomasina que divide os especialistas. No entanto, são pontos em comuns o fato de que há uma forte influência dos apócrifos de Tomé no cristianismo sírio e que influencia Apócrifos de Tomé no cristianismo sírio, que influencia os marcionistas (uma das ramificações do cristianismo primitivo).

Hino da Pérola

Interessante é que o hino da Pérola (também chamado de hino da Alma, hino da Veste de Glória ou hino de Judas Tomé Apóstolo) é uma passagem do apócrifo Atos de Tomé na qual o apóstolo Tomé canta o hino enquanto reza para si e para seus companheiros de prisão. Alguns estudiosos acreditam que o hino é posterior aos Atos. O hino é de autoria desconhecida, embora acredite-se que foi composto pelo gnóstico sírio Bardesanes, fundador do “bardesanismo”, e por um cientista, estudioso, astrólogo, filósofo e poeta particularmente renomado por seus conhecimentos sobre Índia antiga.

Segundo Lenzi (1998), Tomé teria sido educado em filosofia por um sacerdote de Hierápolis, posteriormente, por volta do ano 180 d.C., teria sido convertido ao cristianismo por um bispo de nome Hystasp, sendo depois expulso da igreja por Aqi, sucessor de Hystasp, devido a sua relutância em se conformar à dogmática oficial. Segundo Moisés de Khorene, Bardesanes percorreu a Armênia com a intenção de convertê-la ao cristianismo. Sem sucesso, isolou-se em um castelo-fortaleza chamado Anium, onde veio a falecer em 222 d.C.

O hino da Pérola foi inserido nos Atos de Tomé em diferentes lugares. Ele conta a história de um rapaz (filho do rei dos reis) que é enviado ao Egito para recuperar uma pérola de uma serpente. Durante essa missão ele é seduzido pelos egípcios, que oferecem riquezas ao rapaz, e ele se esquece de sua origem e família – até que recebe uma carta enviada pelo rei dos reis e relembra o seu passado.

Há dois manuscritos sobre esse hino, um siríaco (séc. 10 d.C.) e um grego do primeiro século. No siríaco, o texto é precedido por um título: “O hino (madrasha) de Judas de Tomé, o Apóstolo, quando ele estava na Índia”. Sugere-se que esse hino não foi transmitido originalmente no manuscrito grego.

Na história, um menino ainda jovem fora enviado para longe de seus parentes reais. Quando saiu de casa, ele teve de deixar para trás não só o ambiente luxuoso e seguro do palácio real, mas também o manto dispendioso que lhe deu sua identidade principesca e dignidade. Um acordo foi feito com seus pais: se ele fosse bem-sucedido em sua missão, as vestes lhe seriam devolvidas e ele partilharia com seu irmão a herança do reino.

Ele é acompanhado por dois guias, que o deixam no Egito. No bairro da serpente (dá a entender que esse é o nome do bairro), ele a espera dormir (a serpente) para pegar a pérola. Ele havia se adaptado aos egípcios para não ser tratado como um estrangeiro e ter seus planos frustrados. Embora se assemelhasse aos egípcios, ele se esquece de seu plano e cai em um sono profundo. Quando as pessoas que o enviaram ficam sabendo que ele dormiu, escrevem uma carta e a mandam para ele. A carta vai voando (e, além de voar, ela também podia falar). Quando ele lê a carta, lembra-se de sua descendência real e por que estava no Egito. Então ele lança um feitiço sobre a serpente, pega a pérola e volta para casa. Lá ele recebe de volta sua roupa real e, ao ver o manto, percebe que é como ele. Como tinha feito o que lhe fora mandado, ele foi ricamente recompensado por seu pai.

Por haver uma probabilidade de a história poética ter sido inserida depois, ela pode ser estudada em separado; porém o autor não a analisará assim.

Contexto do hino

Contexto gnóstico – Judas é apresentado como um professor gnóstico que demonstra verdades mais profundas, ideia essa divulgada pela escola alemã. Tem como defensores Günther Bornkamm e Werner Foerster. Seria mesmo Judas um apócrifo gnóstico?

Assim sendo, foram dadas duas interpretações gnósticas para o hino. A primeira, de que a criança que foi enviada é a alma que sai do reino divino e vai para o mundo material escuro. Essa alma é envolvida pelas forças das trevas e só é despertada por uma revelação divina (momento em que recebe a carta). A veste representa a parte espiritual e pura da alma. A carta e o vestuário têm muito mais importância devido à quantidade de vezes em que aparecem na história, enquanto a serpente e a pérola têm menos importância. Além do que, essas ficam em silêncio enquanto a carta e o vestuário falam. A segunda interpretação é que a criança não seria uma alma, mas o redentor celestial que fora enviado ao mundo de trevas para resgatar a alma (pérola) das forças demoníacas. O estranho é que esse príncipe come das comidas dos egípcios e dorme, esquecendo-se de sua missão, e precisa ser lembrado dela. A explicação seria a do mito do redentor redimido.

Há, porém, a suposição de que o hino não seja de origem gnóstica. Diz-se que nesses Atos faz-se referência às tradições bíblicas. A hipótese de Gerard P. Luttikhuisen (Bremmer, 2001) – é que os leitores desses Atos “não gostariam de interpretá-los à luz do Gnosticismo” uma vez que não há ali a salvação nos parâmetros do gnosticismo.

Contexto tomasino – nesse, o texto é analisado em conexão com outros escritos com o nome de Tomé, como “O evangelho de Tomé” e “O Livro de Tomé o Adversário”, da coleção de Nag Hammadi. Porém, Luttikhuisen diz que esses tipos de comparação entre os estudiosos não são bem aceitos. Essas características que se podem ser observadas nos escritos gnósticos que envolvem o nome de Tomé podem ser achadas em outros escritos da antiguidade.

A antropologia helênica – esse é o ponto principal para Luttikhuisen (*apud* Bremmer, 2001). O pensamento do mundo grego helenístico, particularmente, é o que mais influencia as ideias antropológicas de Luttikhuisen. O caráter dualista helênico se faz pertinente para explicar a imaginação poética do hino da Pérola. Assim, há uma oposição entre viver uma sabedoria divina e outra terrena e helênica.

O apóstolo Judas Tomé, em suas pregações e orações, reivindica que a alma será salva e viverá para sempre. Ele se refere à ressurreição do corpo somente em uma passagem. Frequentemente é enfatizada a inutilidade do corpo, que é apenas uma morada temporária da alma. O corpo envelhece

e torna-se poeira. Com a libertação do corpo, a alma será restaurada ao estado em que estava antes de ser vestida.

A estreita divisão entre alma e corpo, a ideia de preexistência da alma e sua imortalidade e o desprezo do corpo como a temporalidade e perecibilidade da morada da alma são conceitos platônicos que alguns segmentos do cristianismo incorporaram – diversos grupos das principais correntes cristãs, bem como do gnosticismo cristão.

Faz-se referência à tradição bíblica para enfatizar as paixões do corpo. Renuncia-se ao sexo para se tornar imune aos truques do diabo. A tradição bíblica sobre a origem do mal, por exemplo, servia para alertar as necessidades do corpo mais enfaticamente contra as necessidades e as paixões do corpo. Cada indivíduo é responsável por alcançar sua própria salvação e se livrar dos laços do diabo através da renúncia sexual. Nessa questão, Jesus é o modelo.

O hino como imaginação poética do ensino do apóstolo

Luttikhuisen diz que uma forma adequada de entender esse texto poético era – e ainda é – lendo-o como uma história coerente, provocando uma rede de alusões, por exemplo, para a dignidade da alma e para o perigo de perder essa dignidade e nobreza aqui na Terra. Se o indivíduo tiver em conta que o poema fala sobre um jovem garoto, também faz sentido ver o seu destino à luz da ideia filosófica grega de que a alma é testada ou educada durante essa vida.

Como demonstraram os capítulos anteriores dos Atos, o apóstolo lembrou as pessoas da dignidade da alma e convidou-as a libertarem-se das paixões e desejos baixos que as impediam de recuperar sua verdadeira identidade espiritual. Lida dessa forma, a história poética pode transmitir uma gama muito mais ampla de significados possíveis do que se ela for encarada como uma alegoria elaborada.

Alguns estudiosos atribuíram a Tomé os Atos de Tomé, e, apesar das sérias diferenças entre as ideias de sua seita e a obra tomasina, há também certas semelhanças. Podem ser citados como exemplos de semelhança a negação do mundo físico e a atitude de renúncia sexual; e, como exemplo de discordância, as ideias de Bardesanes no que se refere à ressurreição da carne.

A personalidade do apóstolo, de negação dos bens materiais, caridade e castidade exacerbada, era comum no cristianismo da síria antiga, porém Bremmer (2001) alerta de que não se pode reduzir as variedades de inúmeras igrejas da síria a um paradigma tomasino. É provável que os Atos de Tomé e o Evangelho de Tomé tenham uma fonte em comum.

O apóstolo Tomé é considerado o primeiro interlocutor e porta-voz de Jesus, e, finalmente, tendo mergulhado nos Seus mistérios divinos, é elevado a Seu igual – ou seu gêmeo –; portanto, Seu representante na Terra aos fiéis.

O demônio e a imoralidade sexual

Outro estudioso do livro de Bremmer, o Dr. Istvan Czaches, examina uma parte bem descrita e notável do Evangelho de Tomé, quando um demônio ama uma mulher e a tortura até que Tomé, descrito como o servo de Jesus, exorciza-a (Bremmer, 2001). Nessa narrativa há fortes elementos mitológicos

e dualistas da luta do bem contra o mal. Há, na versão em siríaco, toda uma narrativa da história da humanidade do ponto de vista de Deus Criador.

Há um dualismo no discurso do demônio em que ele usa referências do povo de Deus em oposição ao povo dele. O demônio tenta se colocar como bom, como se fosse um promotor da justiça divina, um executor do bem, pois ele tenta matar o rapaz uma vez que esse tenta amar a mulher à força no dia do Senhor (sábado). O demônio se apresenta como destrutivo, mas também como um zeloso e amoroso amante.

O demônio é representado como senhor desse mundo e a causa dos desejos sexuais impuros das mulheres. Ele mesmo critica os desejos e as fragilidades carnis da mulher, sua amante. Assim, o desejo sexual é do demônio e a castidade é de Deus. É interessante verificar que a narrativa diz que a mulher encontrou o demônio durante o banho – o banho público era a fonte do mal e duramente criticado pelo cristianismo antigo, mas é um costume persa milenar, altamente reprovado pelos cristãos por considerarem uma imoralidade homens e mulheres nus e juntos. Apresentar esse local como pertencente ao demônio é uma narrativa que critica os costumes do mundo e esse, em particular, que é um costume tanto persa como hindu. Há também um ponto provável de disputa de campo religioso: na Índia são comuns os banhos para Shiva e, na Pérsia antiga, as oblações no mazdeísmo, tradição tão forte que se mantém no islamismo meso-oriental.

Nessa narrativa é descrito um conflito de uma mulher entre manter ou não a sua virgindade; um confronto que é muito mais social do que espiritual, pois ela tem que manter a honra da sua família paterna. Faz-se um paralelo com o livro de Tobias e até com Atos 16:16, onde o demônio identifica os apóstolos como servos de Deus. O dualismo é muito presente na figura de ferir os dois jovens e o sangramento deles sendo comparado ao Rio Tigre. Ao queimar os órgãos do peixe para expulsar o demônio, deve-se fazer um comparativo com o símbolo de Cristo, que remete ao livro de Tobias no capítulo 6:3. No caso, o símbolo de Cristo é o peixe, antigo símbolo de reconhecimento cristão, e a queima dos órgãos é o martírio de Cristo que salva.

O rei é a figura-chave de toda a narrativa. Famílias, reinos e clãs desempenham o mesmo papel em toda a história – esses representam o mundo, que jaz no maligno, enquanto a santidade é conseguida através da renúncia sexual, colocando assim, em risco, o próprio conceito de família, de herança, de reinos.

No centro da trama também se encontram princesas, meninas bonitas e as mulheres. Elas representam o sexo oposto e estão associadas a valores culturais, bem como ao psicológico recurso de personalidade frágil, portadoras da sedução e do pecado; porém são as primeiras a se salvarem por aceitarem a mensagem do apóstolo.

A partir dessa perspectiva complexa, os personagens das histórias desempenham o papel de diferentes fatores de um processo psicológico orgânico. A repetição circular de tramas e subtramas, por outro lado, oferece diferentes abordagens para o problema último: recuperar a integridade da personalidade. Essa integridade é mais bem expressa pela morada celeste, que Tomé mostra para o rei no segundo ato.

Para entender a narrativa da noite do demônio, é necessário entender o contexto de possessão na perspectiva em que ela acontece. Essa história significa os aspectos morais e sexuais do contexto psicológico mais básico segundo as escolas jungiana e freudiana. Essa análise é do estudioso Istvan Czachesz, que faz uma interpretação psicológica da representação que o general tem sobre os símbolos – o general representa o poder consciente moral, as jovens representam o poder inconsciente e o dragão negro representa a incapacidade do ser humano de controlar essas forças. Já o apóstolo se apresenta

como o controlador de forças. Nessa parte, a segunda mulher – também amada pelo demônio – tem a oportunidade de ir para o inferno e, segundo essa interpretação, lá tem a oportunidade de testemunhar várias representações do lado mau da psique humana. Ao conhecer esse lado mau, rejeita-o e volta para a terra por intercessão do apóstolo.

Nesse sentido, a pureza é representada pela virtude sexual. O matrimônio do jovem casal é impedido precisamente pela figura do Salvador, que é o único esposo legítimo. A moral social e religiosa desses ‘demônios’ nessas narrativas são todas superadas por uma única e mesma pessoa: Cristo. Nas diversas tentativas de reintegração do self, encontra-se um personagem comum: a figura coletiva do Salvador.

A. Huhorst vai analisar o capítulo referente à construção do palácio celestial, e o caso de Gad (Gadhi), irmão do rei, é continuamente referenciado no cristianismo sírio da idade média por Jacob of Sarug, e bem depois, por Vincent of Beauvais e Jacobus de Voragine, escritores cristãos da baixa idade média (Bremmer, 2001). A. Huhorst fala que a caridade piedosa e a caridade não eram coisas separadas da cultura do cristianismo primitivo; apesar de terem pouca importância no mundo greco-romano, são duas grandes obrigações no judaísmo precoce e no cristianismo.

Outro ponto importante é destacado: uma morada celestial não o templo do Deus judaico, como dizem algumas interpretações teológicas, mas a ideia que o senso comum tem de paraíso e que esse é acessível às pessoas. O interessante é que essa ideia só veio a ser popularizada na reforma e contrarreforma; antes era quase inexistente no cristianismo eclesial. A ida para o céu dependia unicamente da vontade de Deus e dos papas; não era algo acessível a todos que criam e seguem a mensagem pregada.

Bolyki (2005) analisa o conceito de santidade através da renúncia e diz que o corpo corruptível é para ser negado e, ao mesmo tempo, para ser colocado à serviço da incorruptibilidade. A natureza pecaminosa e corruptível do corpo é particularmente manifestada em três aspectos: na paixão com a sexualidade, na depravação e no poder.

A respeito da sexualidade, o texto traz a noção de *enkrateia*, que vem do grego e significa “em poder (de si)”, em oposição a *akrasia*, que significa “falta de poder (sobre si)”; falta de autocontrole, agir em discordância com a melhor opção percebida. No caso, a castidade em oposição à depravação – que não é só sexual, mas pode estar ligada também à comida e à bebida (Tomé estimula e reza para que as pessoas comam apenas pão e sal e bebam apenas água). Segundo Tomé, riqueza e fama são coisas ilusórias que levam ao pecado. Beber apenas água era um martírio per si. Riqueza é um desperdício, uma vez que toda fortuna deve ser distribuída entre os pobres e que a busca por riqueza afasta o ser humano de Deus. Fama é a epítome da vaidade.

Os sonhos têm um papel preponderante na narrativa: é através deles que Deus se comunica com os homens. As revelações de Deus são reconhecidas através de sonhos, também se aproximando de interpretação, segundo Bremmer, gnóstica, o que não é novidade na tradição judaico-cristã (José, Jacó, Joel e Atos 2).

Imoralidade humana

A vida sexual e produzir filhos ímpios de alguma forma estavam ligados ao inimigo de Deus. O apóstolo tenta persuadir as pessoas a mudarem sua aliança com o diabo: uma aliança que é percebida na vida sexual, nos prazeres e nas paixões. São incentivados a viverem uma vida totalmente espiritual – esse seria o verdadeiro propósito de Deus para a sua criação.

A presente situação dos seres humanos é vista como resultado da ilusão do diabo. Está mais de acordo com a história da queda do ser humano contada em Gênesis. A serpente em Gênesis não é vista como algo bom, enquanto para o gnosticismo ela é vista de forma favorável. O gnosticismo não aceita a história de Gênesis, pois essa faz diferenciação entre o Deus supremo e o Deus demiurgo (o Deus do AT diferente do NT).

Em Atos de Tomé, Jesus Cristo é mencionado como Aquele que foi proclamado nas Escrituras. A referência que ATH faz das escrituras e a afirmação de que Jesus Cristo foi proclamado nas escrituras testemunham para uma alta estima do texto bíblico. Essa percepção está evidentemente muito mais de acordo com a ênfase dada à continuidade dos dois testamentos no emergente cristianismo do que com a atitude crítica do antigo testamento expressa pelo gnosticismo.

É dada ainda em Atos de Tomé, uma ênfase na encarnação e nos sofrimentos físicos de Jesus. Enfatiza-se que Jesus nasceu e que foi criado como uma criança, foi morto e enterrado. Fala-se de sua humilhação antes e durante sua crucificação. Na versão grega longa, Judas Tomé agradece a Jesus por Ele ter morrido, pois assim, ele (o apóstolo) pode viver para sempre. Fala também da ressurreição e morte de Jesus. A conclusão é que o conto "O hino da Pérola" citado por Judas de Tomé não representa um escrito gnóstico; é mais um poema didático.

A serpente em Atos de Tomé

Na história da serpente, Adamik (2004) menciona R. Merkelbach, que lembra que em tempos primitivos, a matança de dragões foi executada como um drama de culto.

Nessa história da serpente (ATm. 32,33) existem quatro protagonistas: Tomé (o irmão gêmeo de Cristo), a serpente (o filho do mal), o jovem bonito e a mulher bonita. Além desses, há um coro: os seguidores de Tomé, entre eles o rei e seu irmão.

Há sempre um motivo, que é a origem do conflito e que assegura a coesão da trama em um drama. Nessa passagem, o motivo é a beleza. Segundo Plato (2008), a beleza atrai tudo para si; ou seja, é a fonte e a causa de tentação. Não muito longe da estrada, colocar o cadáver de um jovem gracioso aparece como uma tentação ao apóstolo. A mulher também era linda, tanto que o jovem e a serpente se apaixonaram por ela.

A homossexualidade e a necrofilia retratadas nesse capítulo explicam por que ele é considerado um apócrifo – apócrifos são livros que descrevem pontos bíblicos, mas que a maioria das igrejas cristãs consideram ilegítimos. Nos primórdios do cristianismo existiam, por exemplo, mais de 80 evangelhos que narravam a vida e a doutrina de Jesus de Nazaré, de sua família e de seus discípulos. Deles, mais tarde, apenas quatro foram considerados pela Igreja como inspirados, ou canônicos. Os outros foram considerados apócrifos, ou não autênticos. A decisão oficial da Igreja sobre os quatro evangelhos foi tomada no Concílio de Nicéia, no ano 325 d.C., graças a um milagre, como se conta na obra "*Lybelus Syndicus*": de todos os evangelhos presentes na Igreja, apenas quatro levantaram voo e se colocaram sobre o altar.

O jovem bonito e a mulher bonita foram atraídos um pelo outro a ponto de fazerem sexo. A serpente apaixona-se por ela à primeira vista. A serpente, como a filha do mal, é invejosa e ciumenta e mata o jovem por ciúmes. Os verdadeiros protagonistas do drama são Tomé e a serpente. A serpente é o mal, que mata; Tomé é o bem, que revive.

Mas a explicação pode ser bem menos pitoresca: é que o apóstolo amaria o jovem além da vida em uma atitude espiritual, nada tendo de homossexualidade ou necrofilia.

No enredo da história da serpente, há uma inversão: o jovem mata a serpente, mas é picado por ela e morre; morre o assassino da serpente. Mas há um reconhecimento: os seguidores de Tomé reconhecem que Deus é mais forte que o mal. O trabalho do mal é a morte, mas a vida pertence a Deus.

Tomé na Índia

Van Den Bosch (1944) diz que desde os tempos antigos, o apóstolo Tomé ocupou um lugar importante na imaginação dos cristãos na Índia, que se reflete em muitas tradições locais no sul do país. Ele é considerado o discípulo que pregou o evangelho no subcontinente indiano e converteu muitos cristãos na costa do Malabar. De acordo com narrativas locais, ele mudou suas atividades missionárias posteriormente para a costa de Coromandel, onde entregou sua vida como um mártir. Ele encontrou seu último lugar de descanso perto de uma cidade chamada Mylapore (Madras), onde um santuário foi construído e redescoberto pelos portugueses no início do século 16. Uma igreja foi erguida para abrigar os restos do apóstolo, tendo sido ampliada em 1893 e hoje em dia é conhecida como a Catedral Católica Romana San Thome, em Madras.

Os ossos do santo na igreja funcionam como evidências simbólicas da origem apostólica do cristianismo no Sul da Índia e testemunham como se fossem a sua antiguidade. Assim, até este dia, o cristianismo tomasino do Sul da Índia assegura firmemente que sua igreja é fundada diretamente pelo apóstolo e que foi Tomé quem trouxe o evangelho para eles.

Contudo, não há provas suficientes para corroborar a hipótese de que o apóstolo, na verdade, foi para a Índia. Tudo é fruto da imaginação do autor.

Atos de Tomé foi provavelmente escrito em siríaco, mas traduzido quase instantaneamente ou pouco depois para o grego. A atividade do apóstolo na Índia é trazida nos dois manuscritos de uma forma mais romântica e, segundo estudiosos, o autor usou de uma rica imaginação ao compor a história de Tomé na Índia.

O autor de ATH, portanto, pode ter usado um conhecimento pré-existente sobre a Índia a fim de construir sua história lendária do frame da viagem de Tomé para a Índia. Ainda, fatos e ficções misturavam-se para realizar os objetivos que o autor provavelmente tinha em mente; ou seja, a base da alegação de que não só a Pérsia, mas também a Índia era domínio exclusivo das atividades missionárias de Tomé. Ele sugeriu, assim, que com suas missões para a Índia, o apóstolo Tomé tinha pregado o evangelho até os confins da terra conhecida naquela época.

O lugar onde ATH foi escrito parece ser uma preocupação base do livro de Bremmer (2001). Inicialmente assumia-se a possibilidade de o livro ter sido escrito em Edessa (quase na divisa da Grécia com a Macedônia), mas pode ter sido escrito em Partia (nordeste do Irã) – os estudiosos concordam que Tomé esteve em Partia. Alguns eruditos, como Orígenes 2 (c. 185-255), Eusébio de Cesareia 3 (c. 265-346), Rufino de Aquiléia 4 (345-410) e Sócrates V (c. 380-450), apenas referem o apostolado de Tomé em Partia na era da dinastia dos Arsácidas (Grafton; Williams 2006). Quando e onde foi escrito o livro de Ath? Quem escreveu? Essas simples perguntas não são fáceis de serem respondidas, embora seja uma questão primordial da obra de Bremmer.

Há uma forte tradição católica que diz que os nativos de Malabar, ou povo sírio *Nasrani Malabar*, são um grupo etnorreligioso de Kerala, Índia, católico e aparentemente autóctone, pois quando os

primeiros missionários chegaram nas navegações, travaram contato com eles e os tornaram cristãos na costa do Malabar, nos primórdios da fé cristã, incluindo nativos da região e os da diáspora judaica em Querala (Thekeparampil, 1998). São conhecidos como “cristãos de São Tomé” por supostamente terem sido, segundo conta a tradição, evangelizados diretamente pelo apóstolo Tomé naquele local. Esse grupo relata a vida do apóstolo na Índia como verdade absoluta. Apoiam a ida desse apóstolo ao local, sua missão evangelizadora e seu martírio, porém, a respeito da exceção do martírio, as narrativas dos nativos em nada coincidem com as do ATH.

De fato, no século 16, os padres portugueses que chegaram à região disseram ter descoberto a cripta do santo, suas relíquias e, inclusive, um pedaço de uma das lanças com as quais fora morto, com o sangue do apóstolo coagulado (Thomaz, 1991). Acrescente-se a isso que todos os antigos martirólogos mencionam a ida de Tomé à Índia, sua pregação e seu martírio, transpassado por lanças empunhadas por hindus, porém é pouco provável que ele tenha ido à Índia. Provavelmente o cristianismo tenha chegado através dos partos, embora não hegemonicamente, mas como uma religião secundária. O relato dos padres é mais plausível de ser uma forja de prova de ubiquidade divina para demonstrar o poder de Deus do que realidade histórica de fato.

É provável que quem escreveu o livro de ATH imaginou um país místico distante, cujo imaginário se encontrava na mente do oriente médio como encantador e cheio de mistérios – uma prova disso é que as descrições políticas sobre a Índia no texto apócrifo remetem a uma estrutura extinta há pelo menos 70 anos antes de Cristo (fim do império Maurya e crise dos Andaras). A estrutura de vários reis na Índia só surgiria novamente no século 6 d.C. Um forte argumento de que o livro não foi escrito na Índia é que esse país estava em crise após o esfacelamento do império Sunga em guerra contra os indo-gregos, os sátrapas ocidentais (indo-citas) e os indo-partos (partos). Não havia reis nessa fase do império; estavam unificados sob o comando do chefe militar Heinjanur. Embora pudessem resistir aos avanços dos seus inimigos (os Andharas dispunham talvez das forças armadas mais poderosas da época na Ásia), os conflitos com os impérios constituídos pelos invasores do noroeste terminaram por enfraquecê-los até que, em cerca de 220 d.C, a dinastia extinguiu-se.

Alguns tópicos mostram um modo oriental de se viver, assim como a estrutura social apresentada no texto é indicativa de um texto não judeu, nem grego. O livro é considerado um elo importante entre maniqueísmo e gnosticismo. No entanto, é mais um texto de estilística parta que hindu (McGrath, 2008). Por exemplo, logo no começo do texto há uma saudação típica do meso-oriente:

ܐܠܗܐ ܕܡܪܝܡ
ܕܥܝܫܐ ܕܡܪܝܡ
ܐܠܗܐ ܕܡܪܝܡ
ܡܥ ܕܡܪܝܡ

Em uma tradução do siríaco livre (McGrath, 2008. p. 146):

para Tomé paz

Em nome (ou paz?) De Cristo

Descanse até a ressurreição (ou vinda)

de Deus

Tomando o Upanishad (2000, verso 455), um escrito hindu, como exemplo, a saudação vem ao final e o estilo é muito mais poético, ao passo que o estilo meso-oriental é mais prosaico:

O Eu que sou não é diferente do Eu de todos os outros seres e, portanto, não há, de fato, outro. Se não há realmente um outro, qual a razão do medo? Sou capaz de ver a mim mesmo em todos os seres, em todo o universo. Ó deus Agni. A vós oferecemos nossas saudações, uma e outra vez e outra vez (Upanishad, 2000, verso 455).

Antes de atribuir a narrativa ao apóstolo Tomé, a maior parte dos estudiosos diz que foi escrita em Edessa e que tem uma forte influência do filósofo Bardaisan (Bardesanes), ao qual inclusive foi atribuída. Várias opiniões já se formaram sobre a doutrina verdadeira de Bardesanes. A narrativa já foi descrita como uma forma do valencianismo, a mais popular do gnosticismo. O termo “espírito”, no entanto, é feminino em siríaco, e Bardesanes supostamente tinha visões pouco ortodoxas sobre a Trindade. Nesse sentido haveria um Espírito Santo feminino e não masculino, o que depõe contra a teoria de que Bardesanes é o autor do livro, embora não seja descartada a hipótese de que ele é autor do hino da Pérola. Há uma forte teoria de que o hino da Pérola foi colado no texto, pois está em uma página separada de papiro.

Os inícios do cristianismo na Índia

Uma reconstrução do cristianismo no subcontinente indiano nos primeiros cinco séculos fornece um continente distante com a imagem esquemática de um país místico. Pequenas comunidades cristãs podem ter sido fundadas por missionários dos sírios na região da Mesopotâmia ao longo da costa noroeste da Índia como consequência do comércio ativo entre o Golfo Pérsico e a região do Sindh. Comunidades similares provavelmente foram fundadas por missionários egípcios no comércio de cidades ao longo do Malabar e da costa de Coromandel.

Em consequência, o comércio ao longo das rotas de mar entre o Sul da Índia e o Mar Vermelho caiu acentuadamente no início do terceiro século. Assim, as comunidades cristãs no Sul da Índia tornaram-se corte de sua igreja mãe em Alexandria e reorientaram-se para a região mesopotâmica e persa, com as tradições existentes de Tomé.

Polo (1989) visitou algumas partes do Ceilão e a costa de Malabar durante sua passagem da China para a Itália em 1293, mas não foi em peregrinação ao santuário. Seu relatório é bastante incoerente e funciona da seguinte forma: “o corpo de St. Tomé situa-se na província de Malabar, numa pequena cidade. Existem poucos habitantes e comerciantes que não visitam o lugar. É um ótimo lugar de peregrinação para os cristãos e sarracenos. Os sarracenos deste país têm muita fé no apóstolo e declaram que ele era um sarraceno e um grande profeta e chamam de aviarun, quer dizer ‘homem santo’” (Polo, 1989, p. 145).

A tradição do lugar de enterro de Tomé em algum lugar no reino de Malabar combina com o costume da Igreja Síria do oriente para conectar o apostolado de Tomé com todos os lugares onde está a igreja. Na imaginação de seus seguidores, Tomé tinha sido influente em um momento ou outro até que ele foi pregar na China. A descrição mais antiga na literatura portuguesa do “túmulo indiano” de Tomé deve-se a Duarte Barbosa e foi escrita por volta de 1516 (Albuquerque, 1985). Outro informante português que escreveu sobre a existência da tumba de São Tomé em Mylapore foi Diego Fernandes. Em uma carta de 1517, ele relatou que tinha descoberto o túmulo do apóstolo e ocasionou um inquérito oficial pelo rei português em 1533, no qual ele também falou como a principal testemunha. Ele afirmou que seu testemunho foi baseado nas informações que ele tinha reunido junto aos mais antigos habitantes de Mylapore: brâmanes e as outras pessoas (Correa, 1975).

Conclusão

No evangelho de Tomé, todos os estudiosos estão cientes de que o autor produziu uma obra de arte, e não uma obra teológica. Tomé foi capaz de dar uma “representação simbólica” de salvação. O palácio divino, a renúncia sexual, o domínio do demônio sobre o mundo e o vencer em Cristo constroem uma narrativa cheia de símbolos e significados ocultos e gnósticos que levam à salvação.

A tese principal do ATH é a existência de um incorruptível reino dos céus e uma vida corrupta na terra. Essa opinião não segue bem a forma do gnosticismo como outros apócrifos – o autor vai dar o nome de morpho-cristianismo. Há uma profunda influência das ideias de Taciano, que é uma daquelas personalidades da antiguidade cristã que estão cercadas por uma barreira de escuridão intransponível, ante qualquer esforço. Nascido no Oriente – se não na Assíria, ao menos na Síria –, Taciano provavelmente converteu-se ao cristianismo em Roma por meio do esforço de Justino, que dessa feita ensinava na cidade imperial. Após o martírio de Justino, por volta de 165 d.C., Taciano fundou seu próprio centro de ensino. Nesse centro era valorizada a *enkratéia*, que significa domínio sobre si e sobre a paixão dos corpos. De acordo com os ideais desse grupo, os cristãos de verdade deveriam ser contidos no que se refere à prática sexual e à ingestão de alimentos, porém, não é completamente provável que Tomé seja autor do ATH, visto não haver aceitação da eucaristia e batismo nessa seita, o que também demonstra uma forte influência do antigo cristianismo sírio.

Os atos de Tomé é um texto que sem dúvida influenciou o cristianismo primitivo, o gnosticismo e várias outras seitas, além de provavelmente ser o texto apócrifo que mais tenha influenciado o cristianismo hindu.

Referências

- Adamik, T. *Compendio di teologia greca*. Budapest: Universidad Budapest, 2004.
- Albuquerque, L. *Livro do que viu e ouviu no Oriente: relatos de Duarte Barbosa, II Seminário Internacional de História Indo-Português – Memórias*. Lisboa: Agência Geral das Colônias, 1985.
- Bolyki, J. Eucharistic Prayers and their Background in the Apocryphal Acts: in Memory of János Harmatta, theological edition. *Antiqua*, v. 45, n. 2-3. p. 153-172, 2005
- Bremmer, J. N. *The Apocryphal Acts: authors, place, time and readership*. Leuven: Peeters, 2001.
- Correa, G. *Lendas da Índia*. Lisboa: Lello & Irmãos, Porto, 1975. v. 1-2.
- Fernandes de Santana, W. K. Teologia em foco: réplicas linguístico-axiológico-discursivas de Jesus ao ceticismo judaico no primeiro século da era cristã. *Interações*, v. 13, n. 24, p. 375-390, 2018.
- Grafton, A.; Williams, M. *Christianity and the transformation of the book: origen, Eusebius, and the Library of Caesarea*. Cambridge: Harvard University Press, 2006.
- Lenzi, G. *Il vangelo di Giovanni: secondo l'antica versione siríaca*. Reggio Emilia: Edizionisan Lorenzo, 1998.
- McGrath, J. F. History and fiction in the acts of Thomas: the state of the question. *Journal for the Study of the Pseudepigrapha*, p. 297-311, 2008. Disponível em: http://digitalcommons.butler.edu/facsch_papers/6. Acesso em: 8 mar. 2021.
- Pathak, H. P. Hinduism and women religious beliefs and practices. In: 13th International RAIS Conference on Social Sciences and Humanities, 2019 Beltsville. *Anais eletrônicos [...]*. Beltsville: RAIS Conference Proceedings, 2019. <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3434115>
- Plato, *Phaedrus*. In: Cooper, J. M. (ed.). *Plato: complete works*. London: Hackett, 2008.

Polo, M. *Viagens de Marco Polo*. São Paulo: Clube do Livro, 1989.

Sanders, J. A. Palestinian Manuscripts, 1947–1972. In: Cross, F. M.; Talmon, S. (ed.). *Qumran and the history of the biblical texts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1975.

Thekeparampil, J. Vestiges of east syriac christianity in India. In: Roman, M. (ed.). *The church of the east in China and Central Asia*. Sankt Augustin: Institut Monumenta Serica, 1998.

Thomaz, L. F. A Carta que mandaram os padres da Índia, da China e da Magna China: um relato siríaco da chegada dos portugueses ao Malabar e seu primeiro encontro com a hierarquia cristã local. *Revista da Universidade de Coimbra*, v. 36, p. 119-181, 1991.

Upanishad, K. K. *Reiki: o Caminho do Coração*. 4. ed. São Paulo: Ground, 2000.

Van Den Bosch, L. P. *Sanskrit, Indian religions, theology*. Groningen: Wolters-Noordhoff, 1944.

Como citar este artigo/How to cite this article

Costa, O. B. R. Análise da crítica aos costumes orientais na ótica do cristianismo primitivo através do apócrifo Atos de Tomé. *Reflexão*, v. 47, e225724, 2022. <https://doi.org/10.24220/24476803v47e2022a5724>